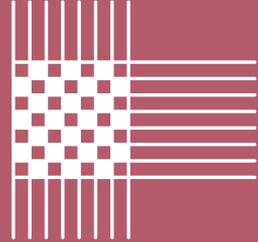
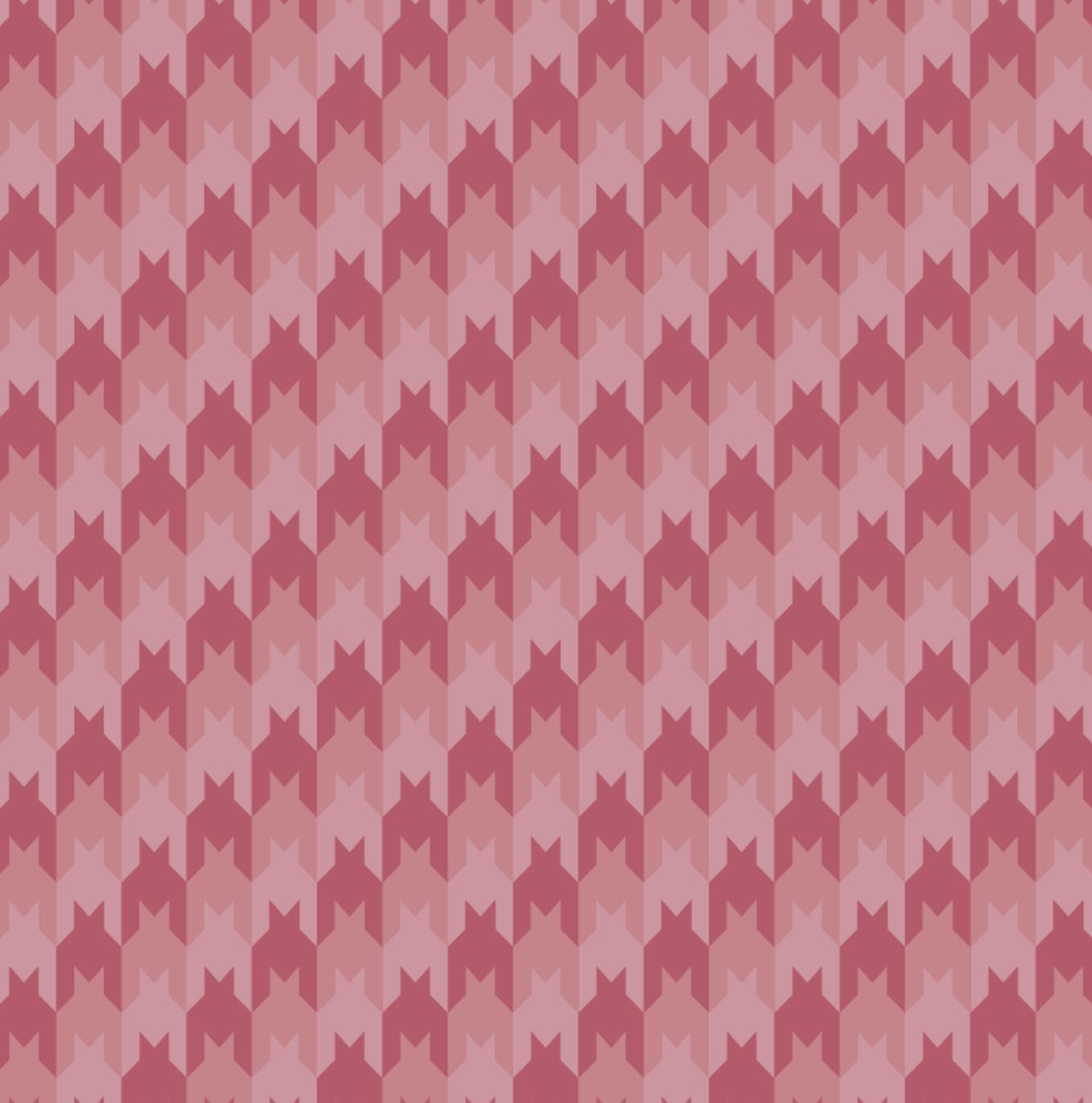


LONGITUDE VICINAL

BÁRBARA BASSETO

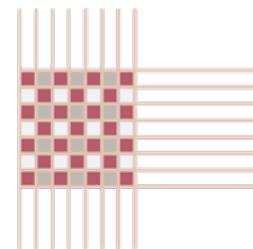




O Centro Cultural Câmara dos Deputados
apresenta a exposição

LONGITUDE VICINAL

BÁRBARA BASSETO





O Centro Cultural Câmara dos Deputados é responsável pela preservação do acervo museológico da Câmara dos Deputados e pela realização das ações culturais que ocorrem na instituição, como exposições artísticas e históricas e eventos literários.

Além de promover as culturas regionais e a produção artística contemporânea nacional, o Centro Cultural atua na preservação da memória da instituição e na história do Poder Legislativo. Idealizado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, o Palácio do Congresso Nacional abriga obras de artistas brasileiros renomados da segunda metade do século XX, como Di Cavalcanti, Athos Bulcão e Marianne Peretti.

Com o intuito de viabilizar a diversidade e a qualidade das exposições realizadas pelo Centro Cultural, todos os anos promovemos um edital público para a seleção das mostras artísticas e históricas que ocuparão, no ano subsequente, os espaços destinados aos eventos culturais. As propostas apresentadas são avaliadas por uma Comissão Curadora e, desta forma, o Centro Cultural proporciona a artistas e curadores de todo o Brasil a oportunidade de apresentar seus trabalhos em áreas da Câmara dos Deputados onde há grande circulação de visitantes de diversas partes do país, propiciando o exercício e a promoção da cultura e da cidadania.



Longitude Vicinal: espaço de longa extensão que separa um ponto do outro, que simultaneamente está contíguo ou muito próximo.

A pintura de Bárbara Basseto é produzida a partir de relações de enfrentamento e proximidade cromática, decorrentes da manipulação de elementos pertencentes ou característicos da moda, da arquitetura, do design e de objetos cotidianos. Imersa em referências que são dispostas e emaranhadas para a construção de diálogos, a artista coleta com olhar atento e sagaz o que está ao seu redor. Este ato de transfiguração é totalmente artesanal e meticuloso, fruto de seu trabalho como restauradora, promovendo a criação de vínculos entre planos e um jogo de relações e contrastes com o seu observador.

São as linhas retas sobrepostas às tortas, as cores que se enfrentam e as que se complementam, em uma mesma pintura ou em relações construídas com as obras e o espaço que estão ao redor. Assim como os sonetos, que possuem uma estrutura fixa, mas permitem uma vasta gama de perspectivas e emoções, a obra de Basseto traz possibilidades infinitas de desdobramentos, apesar da rígida forma preestabelecida.

Revelando uma complexa relação entre partes e todo, seus elementos aparentemente desconexos, quando colocados juntos, criam um mundo poético e fluido, onde a rigidez se dissolve e dá lugar à liberdade da interpretação e da criação.

Os jogos compositivos desenvolvidos pela artista são resultados da sua vontade de estruturar e construir a partir da repetição, trazendo a noção de passagem do tempo e o desejo de preencher aquela lacuna que falta. É a repetição que aproxima os pontos, ela “expressa, ao mesmo tempo, uma singularidade contra o geral, uma universalidade contra o particular, um extraordinário contra o ordinário, uma instantaneidade contra a variação, uma eternidade contra a permanência. Em todos os sentidos, a repetição é transgressão”. (HOFSTAETTER, 2009, p. 21, apud DELEUZE, 1988, p. 24)

Vinicius Maroli
Curador

Vinicius Maroli (1998) é bacharel em Artes Visuais pela UnB e atua como pesquisador, curador, *marchand* e artista. É diretor da Mirim Escritório de Arte, que pesquisa, promove e comercializa arte brasileira. Participou de diversos projetos e exposições, como *Xingu 57: Viagem ao Brasil Central* (2022), no Museu Nacional da República, e *Corpo, breve instante* (2019), de João Trevisan, na Galeria Karla Osorio. Foi curador das exposições *Tudo junto, mas separado: artes brasileiras* (2023), na Mirim Escritório de Arte, e *Brasília em verde e amarelo: 1969–2022* (2023), na Galeria Casa.



Você é uma navalha pros meus olhos 2

óleo sobre composição em tecido montada em tela
22 x 20 cm
2021



Pé de galinha

óleo sobre linho
40 x 40 cm
2021

Superfícies e jogos compositivos: reflexões entre padronagem, materialidade e pintura contemporânea

Penso que a poética e a prática artística passam pelas apreensões atentas do entorno, das produções culturais contemporâneas, contextualizações históricas e o alinhamento delas a relações de afeto, narrativas e critérios de pesquisa preestabelecidos. Uma sobreposição contínua de vontades e referências.

¹ ROLNIK, S. 2014. p. 65

² ROLNIK, S. 2014. p. 47

Suely Rolnik (2006), em *Cartografia Sentimental*, ao falar do trabalho do cartógrafo enquanto um antropófago¹, estabelece parâmetros para a disciplina da cartografia, mas também trata da possibilidade de uma pesquisa acadêmica que passa pela produção de conhecimento sensível: "habitar o espaço, buscando matéria de expressão para afetar e expandir suas intensidades"². Penso num complemento entre esse se deixar afetar e a seguinte colocação de Gombrich (1977) em *Arte e Ilusão*: "A pin-

tura é uma atividade, e o artista tenta, conseqüentemente, ver o que pinta, em vez de pintar o que vê”³. Considero importante estabelecer conexões entre as coisas do mundo e os desejos para que se alimentem entre si, criando procedimentos de construção de linguagem que partem de informações externas e vontades internas. Compor tanto discursos e afetos quanto métodos, materiais e referências (teóricas e do cotidiano) faz parte do meu trabalho em pintura. É necessário organizar esses fatores para formar objetos que sejam ao mesmo tempo independentes e comuniquem conteúdos e experiências dos motivos iniciais. Esse caminhar contínuo entre dentro e fora, formando um terceiro discurso que contém os dois primeiros, opera como a fita de Möbius de Lygia Clark [(1920–1988)], na qual “a superfície, em vez de ser superficial, é onde reside todo o interesse e conteúdo. (...) superfície e profundidade, interior e exterior, começo e fim, são um contínuo (...)”⁴.

Em *Pintura Contemporânea: uma breve história*, Marco Giannotti (2021) diz que, em relação às referências, “o artista procura fazer recortes muitas vezes arbitrários, escolhendo para si obras nas quais encontra afinidades poéticas”⁵, se distanciando assim da visão dos historiadores e seus compromissos documentais. Em minhas pesquisas em ateliê aplico um filtro narrativo/poético no processamento das referências — lá não existe a necessidade de sistematização das origens, e por vezes, nem que as informações sejam averiguadas, porque elas são importantes na medida em que apresentam possibilidades de desdobramento e repertório poético.

A série de pinturas *Bobby Fischer* parte de uma hipótese: uma suposta reclamação feita pelo enxadrista sobre os contrastes no tabuleiro de xadrez

no campeonato mundial de 1972, com a qual me deparei ao pesquisar sobre ele e esse evento em especial. Essa demanda de Fischer (1943–2008) me despertou para a produção de uma série de quase vinte pinturas até o momento; entretanto, ao retornar às fontes para a escrita deste texto, não encontrei relatos que sustentassem a afirmação. É possível que ela não seja verdadeira, mas para a série isso não tem muita importância, pois o questionamento gera a ação, e as pinturas passam a existir independentes do tema. A investigação poética, ainda que apoiada no mundo real, não tem um compromisso documental com os fatos, ela aspira propor uma experiência de outra ordem. Uma afirmação pode ser verdadeira ou falsa, mas um quadro não⁶.

Os fatos, as anedotas, as imagens, as referências de outras linguagens, as conversas com outros artistas, etc. são para mim camadas que se sedimentam junto ao tratamento da matéria na produção em pintura. Muitas vezes se tornam uma amálgama da qual é quase impossível recuperar noções de linearidade ou de origem. Procuro, então, para a escrita deste texto, desenrolar um novelo cheio de nós na tentativa de criar um mapa.

³ GOMBRICH, E. H.; p. 73

⁴ OSTHOFF, S. 2016. p. 163

⁵ GIANNOTTI, M. 2021. p. 14

⁶ GOMBRICH, E. H. 2007, p. 59

Este poema de Francisco Mallmann (2021) se tornou uma espécie de metáfora do meu processo poético: "Farei palavras / De outras palavras / Ou usarei as mesmas / Mas comigo elas / serão diferentes / Porque serei eu a usá-las"⁷. Ela se relaciona com algo muito caro ao meu pensamento na pintura: os exercícios de apropriação, tradução e diálogo.

Parto das coisas do mundo (uma padronagem de tecido, uma porta, composições de ladrilhos, etc.), mas não tenho como objetivo descrevê-las. A partir de objetos e imagens que já existem, procuro selecionar partes, questões e relações e as filtro. Depois, realizo traduções de suas linguagens e materialidades originais para a linguagem e a matéria da pintura, sobrepondo-as e criando diálogos entre elas. Acredito que esses procedimentos costumam ser autorais, pois as interpretações não podem se apoiar na literalidade se não se deseja entrar numa chave descritiva.

Essa prática propicia a construção de diálogos, algo que considero de central importância: operar na pintura como uma colcha de retalhos ao propor enfrentamentos e aproximações de padronagens, relações cromáticas, materiais e áreas de conhecimento distintas (como a arquitetura, a indústria da moda, o design, a história da arte). Hoje, quando pinto um quadrado, sei que não significa o mesmo que significou para Malevich (1879–1935). Hoje, pintar um quadrado é também falar dele e de tantos outros artistas que estabeleceram relações com sua obra. Nesse sentido é muito arriscado, mas também satisfatório, exercer uma prática com centenas de anos de tradição. A pintura inevitavelmente estabelece diálogos com o passado, enquanto trata do tempo presente e constrói objetos que se espera que sobrevivam ao futuro.

Trabalhamos até bem tarde na véspera de Natal, então pegamos um ônibus em Port Authority até o sul de Nova Jersey. Robert estava extremamente nervoso de encontrar minha família, porque era bastante avesso à dele. Meu pai foi nos buscar na rodoviária. Robert deu a meu irmão, Todd, um desenho seu, um pássaro saindo de uma flor. Havíamos feito cartões em casa e trazido livros para minha irmã mais nova, Kimberly.

7 MALLMANN, F., 2021, p. 91

Para acalmar os nervos, Robert resolveu tomar ácido. Eu jamais cogitaria usar qualquer droga na presença dos meus pais, mas isso parecia mais natural para Robert. Minha família inteira gostou dele e não notou nada de diferente exceto seu sorriso constante. Ao longo da noite, Robert ficou olhando a enorme coleção de bibelôs de minha mãe, absorto em vaquinhas de todos os tipos. Ficou especialmente interessado em um pote de doce marmorizado com uma vaca violeta na tampa. Talvez fosse o turbilhão vidrado de seu estado alterado pelo LSD, mas o fato é que ele não conseguiu parar de olhar para o pote.

Na noite de Natal nos despedimos, e minha mãe deu a Robert uma sacola de compras cheia com seus tradicionais presentes para mim: livros de arte e biografias. "Tem uma coisa aí para você." Ela piscou para Robert. Quando entramos no ônibus de volta a Port Authority, Robert espiou na sacola e encontrou o pote com tampa de vaca violeta embrulhado em um pano de prato. Ele ficou maravilhado com aquilo, tanto que anos mais tarde, depois que morreu, o pote seria encontrado entre seus valiosos vasos italianos. (SMITH, P. 2010, p. 56)

Nesse trecho de *Só garotos*, Patti Smith (2010) descreve a ocasião na qual apresentou seu companheiro da época, o artista Robert Mapplethorpe (1946–1989) à sua família. No evento,

Mapplethorpe, ainda que influenciado pela ingestão de LSD, se interessa por um pote de doces com vaquinhas da mãe de Smith (1946). Sua atração reside nos aspectos visuais do objeto, e não em sua origem ou valor comercial. Ao ser presenteado com ele pela então sogra, o objeto passa a estar carregado de mais significados no campo afetivo, vinculando-o às pessoas e à memória do evento no qual foi apresentado ao artista. Quando, mais tarde, o guarda junto à sua coleção de “valiosos vasos italianos”, Mapplethorpe aproxima afetivamente o pote dos vasos, desconstruindo hierarquias: em algum lugar, para ele, o bibelô que ganhou da mãe de Patti Smith tem o mesmo valor que um vaso italiano. É um relato sensível, tanto pela história narrada, quanto pela forma com que Smith a aborda: ao passar três parágrafos descrevendo um episódio para na última frase dar um salto temporal, a artista confere importância à narrativa, mostrando que eventos e objetos triviais, quando carregados de significados afetivos, transcendem linearidades temporais e medidas de valor e que a construção de conhecimento sensível sedimenta camadas através do tempo.

Quando trago referências e materiais de diversos lugares e linguagens, é esta relação que busco: a de aproximar objetos distintos e construir relações entre eles, trazer para o campo afetivo e desmanchar hierarquias.

Um exemplo disso é a pintura *Você é uma navalha pros meus olhos*, de 2021. O processo que a origina é bastante longo e se inicia com a apropriação de tecidos usados para a confecção de roupas e que já apresentam padronagem. Após a seleção desses tecidos, recorto fragmentos para que, a partir deles, seja feita uma composição por meio da costura manual. Em seguida ela é fixada a uma estrutura de madeira, e por fim é aplicada uma

base transparente, finalizando o preparo do suporte, a fim de possibilitar a pintura a óleo sem ocultar a composição. O processo dura semanas, pois todas as etapas são feitas manualmente e há períodos de pausa para observação e encaminhamento do projeto. O tecido com que faço a composição do suporte nessa pintura foi recortado de uma peça de roupa que pertencia à minha irmã. A padronagem pintada sobreposta a ele se baseia em sequências de faixas com listras diagonais laranjas e vermelhas, que variam levemente na inclinação e no encontro das cores. Elas têm como referência faixas de contenção de trânsito enroladas a objetos, como postes por exemplo. O título dessas duas pinturas é extraído de uma música de autoria de Jorge Mautner: *Vampiro* (1988). Tenho o hábito de ouvir a mesma música repetidamente, fazendo com que a memória das execuções de certas pinturas fique intimamente ligada a elas. Por isso costumo nomear trabalhos com títulos extraídos de letras de músicas.

Assim como Paulo Pasta (1959) em sua tese de doutorado *A educação pela pintura* (2011), acredito que nessa “espécie de autoalimentação [...] o que pintar tem que ter uma correspondência muito estreita com o como pintar”⁸, e acrescento, com o que pintar. É nesse contexto que meus trabalhos

passam a ter uma relação mais direta com a materialidade das referências, propondo processos de ida e volta de significados e de linguagens, se aproximando muitas vezes da ideia de objeto. Há neles um esforço contínuo de complemento entre os conceitos poéticos, o pensamento compositivo e o tratamento da matéria.

Bárbara Basseto

Referências bibliográficas

GIANNOTTI, Marco. *Pintura Contemporânea: uma breve história*. 2 ed. São Paulo: Nova Alexandria, 2021.

GOMBRICH, E. H.; *Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*, tradução BARBOSA, R. S.; STAHEL, M., 4 ed, São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.

MALLMANN, F., *Tudo o que leva consigo um nome*, 1 ed, Rio de Janeiro: J.O., 2021.

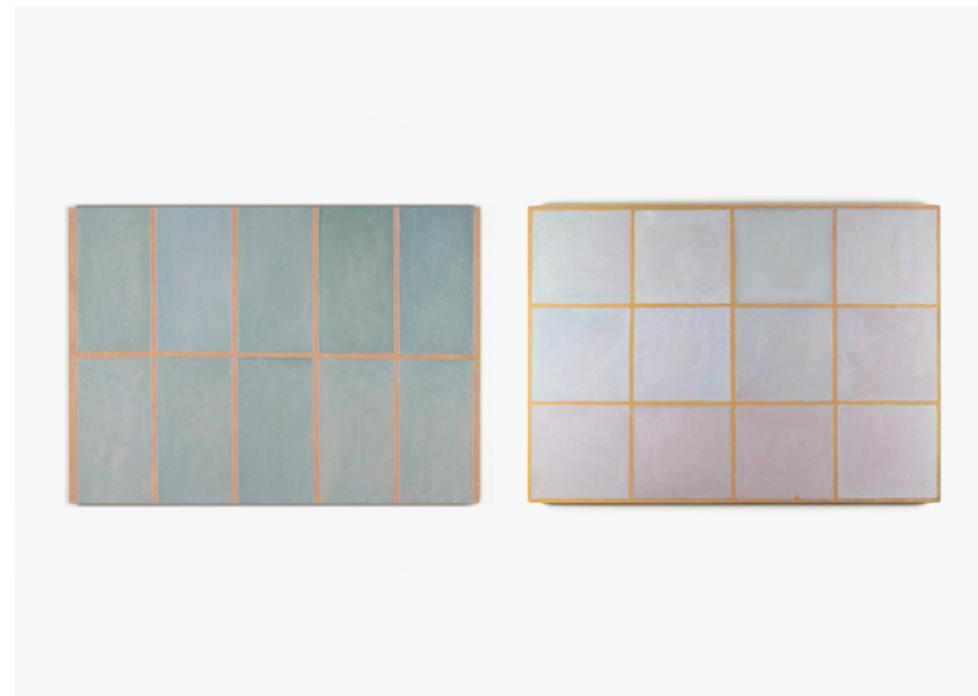
OSTHOFF, Simone. *Arquivos, coleções e museus: considerações sobre o conceito de arte latino-americana*. in: ALVES, C.; ARANTES, P.; OSTHOFF, S. *Outras histórias na arte contemporânea*. São Paulo: Paço das Artes, 2016.

PASTA, Paulo. *A educação pela pintura*, Tese (Doutorado em Poéticas Visuais) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2. ed. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS: Sulina, 2014. SMITH, P.; SOUZA, A. B. de. *Só garoto*. [s. l.]: Companhia das Letras, 2010.

Sem título (díptico)

óleo sobre compensado
25 x 34,5 cm
2020





It's my party and I'll cry if I want to

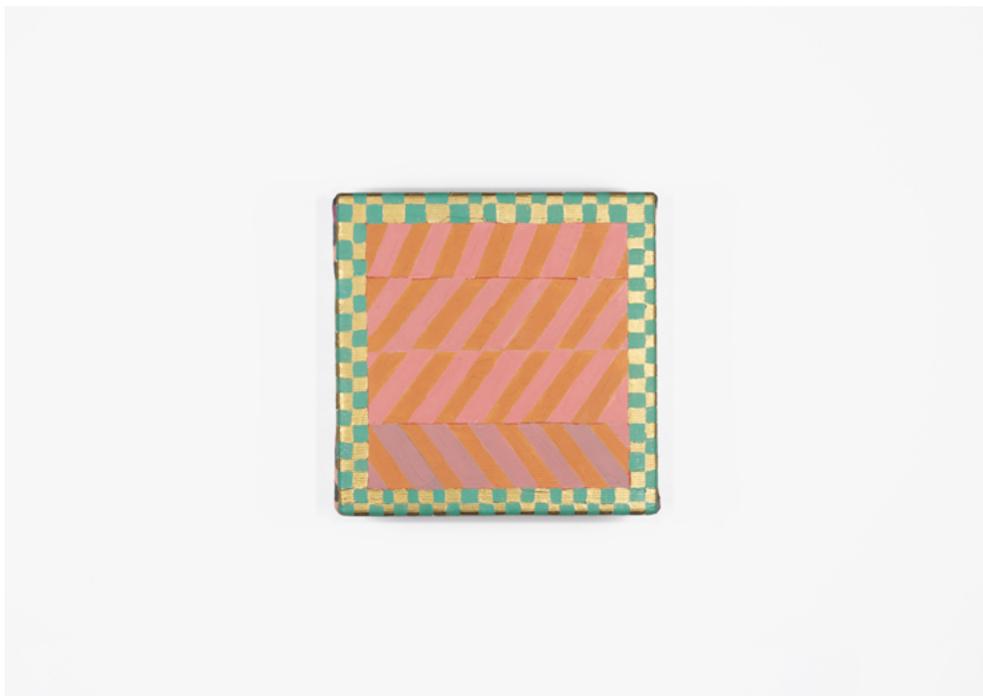
óleo sobre composição em madeira
15,5 x 20,3 cm
2021



Nothing has been done before/it has all happened before



óleo sobre tela
12 x 12 x 4 cm
2021



Nothing has been done before/it has all happened before 2

óleo sobre tela
12 x 12 x 4 cm
2021





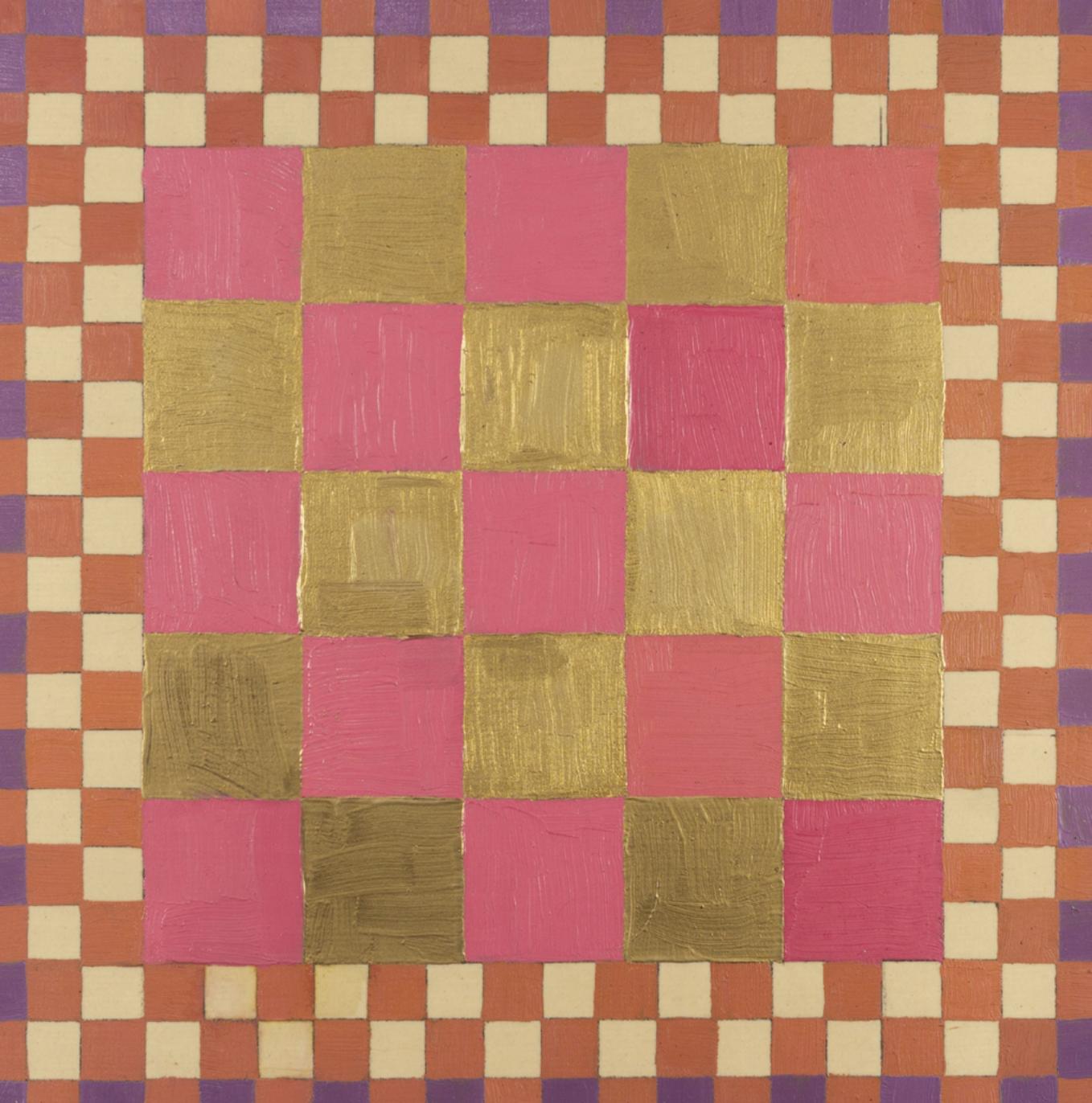
Bobby Fischer 15

óleo sobre voil
25 x 25 cm
2021



Bobby Fischer 7

óleo sobre compensado
22 x 22 cm
2021



Bobby Fischer 14

óleo sobre tela
20 x 20 cm
2021



Bobby Fischer 6

óleo sobre compensado
22 x 22 cm
2021

Um-espaco-entre as analogias criadas por Bárbara Basseto

A produção de Bárbara Basseto, para além de recriar uma visualidade de mundo junto a seus afetos, estabelece o alicerce para aquilo que deixa o olhar da artista à deriva. Sua visualidade está presente nos intervalos da observação dos arredores, no preenchimento das lacunas que se formam em seu sensível, um-espaco-entre: entre meios, mundos e tempos. São traduções visuais que começam antes mesmo do processo de pintura em si.

Seus campos pictóricos se constroem visualmente pelo encontro de seu olhar com o imaginário, formando composições ritmadas. A repetição, aqui, se apresenta como recurso de analogia visual do mundo e das referências da artista: na moda, na arquitetura, na história da arte e nos objetos que vão ao seu encontro. A sinestesia entre ver e sentir se mostra em um olhar que observa o mundo enquanto forma em constante transmutação: uma padronagem de encaixes, encontros e desencontros cromáticos, que criam espaços-entre e apresentam os ruídos de um silêncio oculto.

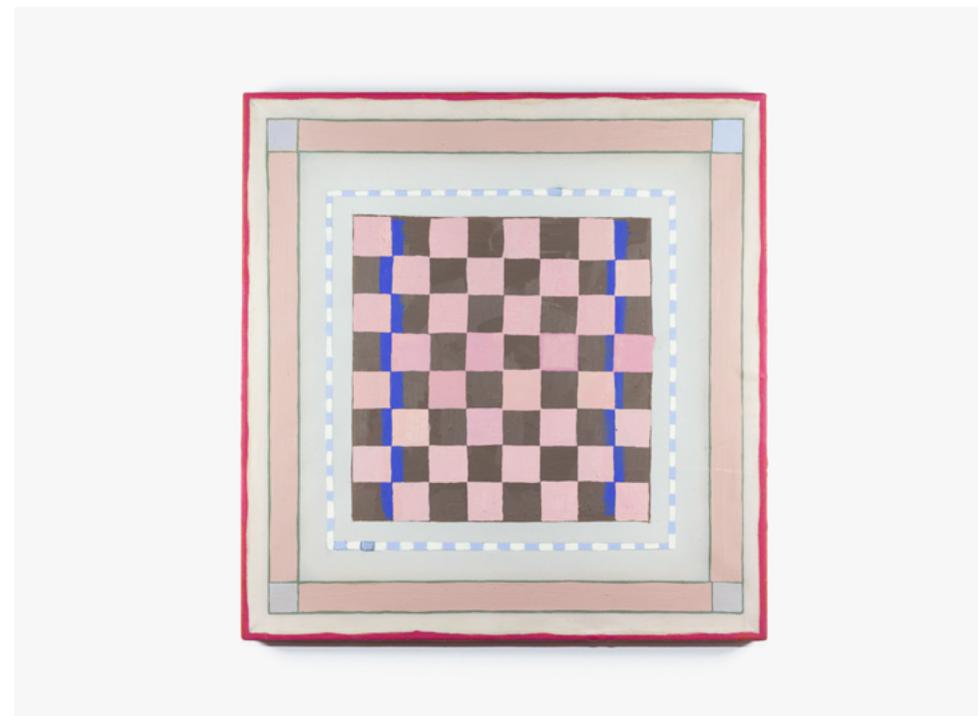
Espaços-entre que suscitam uma pausa, um intervalo, e oferecem um respiro para a observação de vazios e seus preenchimentos. Encarar de volta o que te encara. Basseto pensa no suporte enquanto parte de sua poética. Extrapolando os limites comuns de tela e tinta, a artista se apropria de tecidos que dão forma a objetos que refletem sua natureza.

A pintura de Basseto é construída a partir de espaços relacionais entre linhas retas e tortas. Cores que se chocam e se amenizam, padrões que se completam e se distorcem; um jogo visual de encontros e desencontros, distâncias e proximidades, de simplificação e criação de labirintos.

Os jogos visuais de suas composições instigam o espectador em sua contemplação, em um embate que se move a partir de descobertas: traços, cores, formas, detalhes; desde o movimento inicial da criação até a composição final da obra. Suas pinturas te convidam a chegar perto, a observá-las em sua minúcia, assim como Bárbara faz com o mundo ao seu redor.

Monique Andrade

Monique Andrade (1997) é graduanda em Teoria, Crítica e História da Arte pela UnB e formada com honrarias em Fotografia pelo IESB (2018). Premiada pelo seu histórico de atuação pela Lei Aldir Blanc do DF (2020 e 2021), foi produtora da vitrine da artista Rayza de Mina, no projeto "obrazilnãocoheceobrasil" (2021), no espaço deCurators, assistente de produção da exposição *Kwá Yepé Turusú Yuriri Assojaba Tupinambá*, eleita uma das melhores exposições de 2021 pela revista *Select*. Foi curadora das exposições individuais *Sobre Tempos que Descansam* (2022), de Alexandra Martins, e *Aterrar o Chão, Recolher Horizontes* (2023), de Igu Krieger, ambas no espaço A Pilastra.



Bobby Fischer 13

óleo sobre voil
25 x 25 cm
2021



Bobby Fischer 10

óleo sobre compensado
27 x 36 cm
2021



Bobby Fischer 11

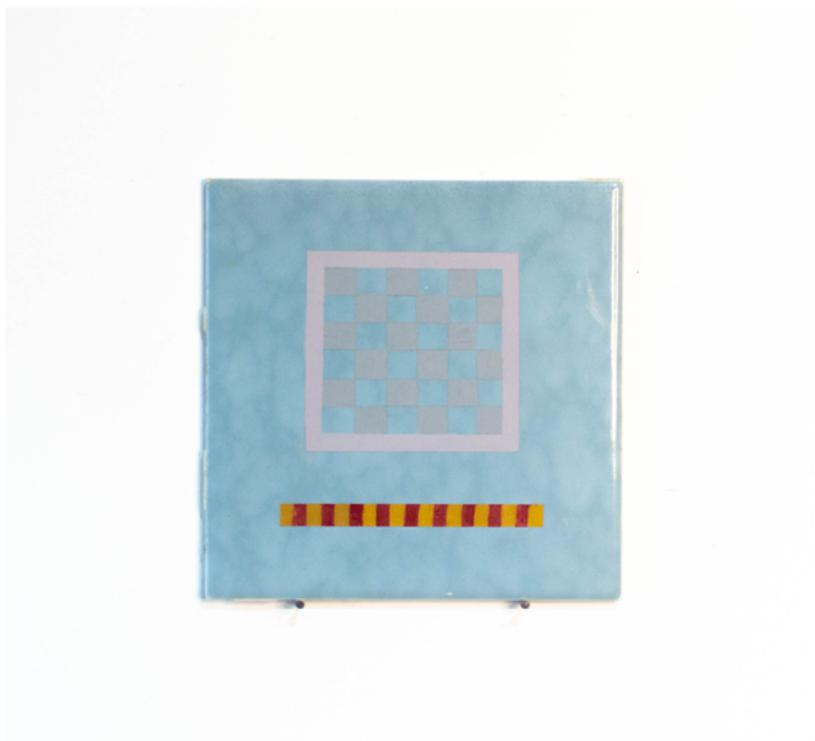
óleo sobre azulejo
15 x 15 cm
2021



Bobby Fischer 16

óleo sobre compensado
30 x 20 cm
2021





Bobby Fischer 5

óleo sobre azulejo
15 x 15 cm
2021

Ai de mim, que sou romântica

*Como terei orgulho
do ridículo de passar
bilhetes pela porta.
Esta mesma porta hoje
fecho com cuidado; altivo.
Como não repetirei, a teus pés,
que o profissional esconde no
índice onomástico os ladrões
de quem roubei versos de
amor com que te cerco.
Te cerco tanto que é
impossível fazer blitz e
flagrar a ladroagem.*

Ana Cristina César

É tomando emprestados pedaços do mundo que Bárbara Basseto compõe, em sua pintura, um mundo novo, próprio. Seu olho, curioso e ladrão, percorre campos vastos: prateleiras de lojas de antiguidades, brechós, peças de roupa de alta-costura, livros de arte e moda, vídeos, pedaços de arquitetura, padrões decorativos de objetos domésticos, a incidência de luz sobre azulejos e piscinas, o caimento de cortinas, toalhas e tapetes, *playlists* que ouve nas longas horas pintando no ateliê e o que mais encontrar em uma caminhada pela rua. Nesta exposição individual da artista, predominam os vários tipos de tecido nas obras e os versos de *love songs* nos títulos.

Basseto constrói – com o meticuloso conhecimento adquirido de sua formação em conservação e restauro – o seu suporte. Por vezes, são telas feitas com tecidos de múltiplas origens; por outras, são o linho cru ou as madeiras de textura lisa, cuja pintura final mostra indícios do gesso crê usado na preparação. De todo modo, a matéria do que é feita a pintura se mostra na imagem final. Sem ilusão, mas com o suscitar do desejo. Seus objetos são sedutores.

O ponto de partida não é o branco, pretensamente neutro, das telas comuns de algodão. Esse método produz uma agradável complicação na incorporação de materiais ou estampas. Ela precisa compor com o que já é composto por outra pessoa – na verdade, por uma indústria, da moda ou do *design* de produtos. Assim que é criado o seu problema a ser resolvido, em uma espécie de jogo no qual o primeiro movimento é sempre do seu “oponente”. Não à toa, o quadriculado do tabuleiro de xadrez chamou sua atenção. A estratégia de ataque da pintora se

volta para as combinações de cores inusitadas e os acontecimentos materiais diversos.

Zerei as moedas do desejo é um exemplo flagrante. A artista adquire uma camisa listrada da Dior. A partir do tecido fino, ela estica a tela, não sem antes costurar as aberturas. O preparo da superfície oferece rigidez, confere um caráter embalsamado à peça, que nunca mais verá uso, apenas contemplação. No entanto, a obra não parece sisuda. Basseto adiciona novas cores e padronagens à estampa, em uma paleta brilhante e deslumbrante. Assim, podemos perceber seu modo de ação. Ela introduz um desvio altamente sofisticado na composição de que se apropria. Basseto corrompe – uso essa palavra porque ela não segue regras, mas, antes, uma força singular contraditória, uma intuição premeditada, um impulso calculado.

Basseto cria enigmas da estirpe de Ana Cristina César, com apropriação, citação e criação. O *índice onomástico*, ou ao menos um deles, no qual Basseto *esconde os ladrões de quem rouba versos de amor*, é a sua pesquisa de mestrado. Lá, ela explora a sua relação com a *pop art*, sobretudo com Jasper Johns, a produção de mulheres do movimento *Pattern and Decoration* e a infusão de referências femininas, populares e multiculturais no severo *grid* do Minimalismo.

Entre as referências, me chama atenção a produção de Joyce Kozloff. A ousadia da então jovem artista americana, ao contrapor com suas próprias palavras os adjetivos prescritivos, que configuravam regras rígidas, de Ad Reinhardt, para a arte.

O nome dado à exposição é um verso de *Mutante*, música composta pelo casal Rita Lee e Roberto de Carvalho. Remete ao procedimento que a artista usa na composição de suas obras e seus títulos, a sua poética prosaica. Mas também se refere a um espírito reelaborado por Bárbara Basseto, encontrado também nos adjetivos de Kozloff, que configura um modo de pensar e abalar o império absoluto da razão, do imperialismo, da monotonia, da pureza, da universalidade, do formalismo estéril, como se dissesse: “Ai de mim, que sou assim. Romântica”.

Érica Burini

Texto curatorial da exposição

***Ai de mim, que sou romântica*, realizada na Galeria Luis Maluf, São Paulo, em 2023**

Érica Burini (1994) vive e trabalha em São Paulo. É historiadora da arte, pesquisadora e curadora. Formada em Artes Plásticas e mestra em História da Arte na Unicamp. Teve participação na equipe curatorial de diversas exposições, atualmente colabora na gestão do Ateliê397, onde também conduz um dos grupos de acompanhamento de projetos para artistas *Clínica Geral*, junto com Tiago Gualberto.



Bobby Fischer 4

óleo sobre compensado
22 x 22 cm
2021



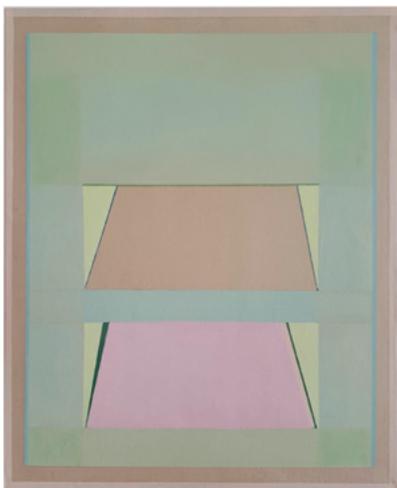
Bobby Fischer 3

óleo sobre compensado
23 x 23 cm
2021



Bobby Fischer 1

óleo sobre madeira
15 x 22 cm
2021

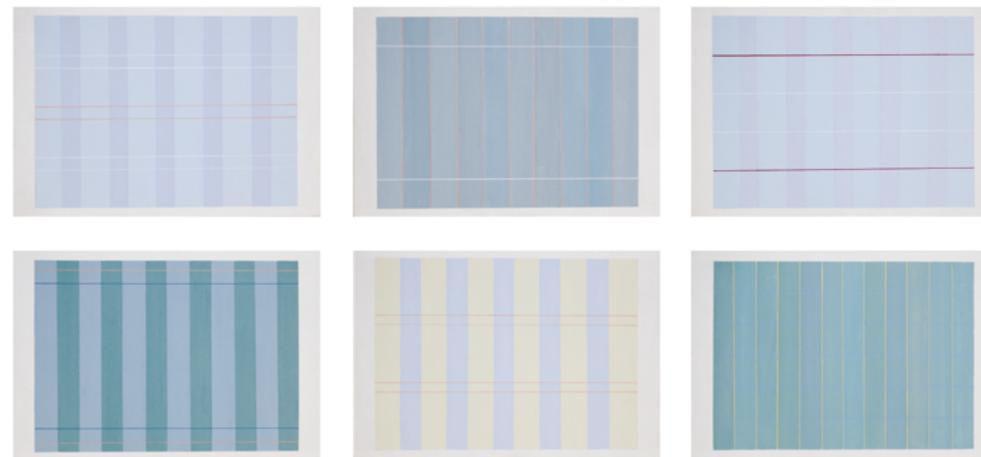


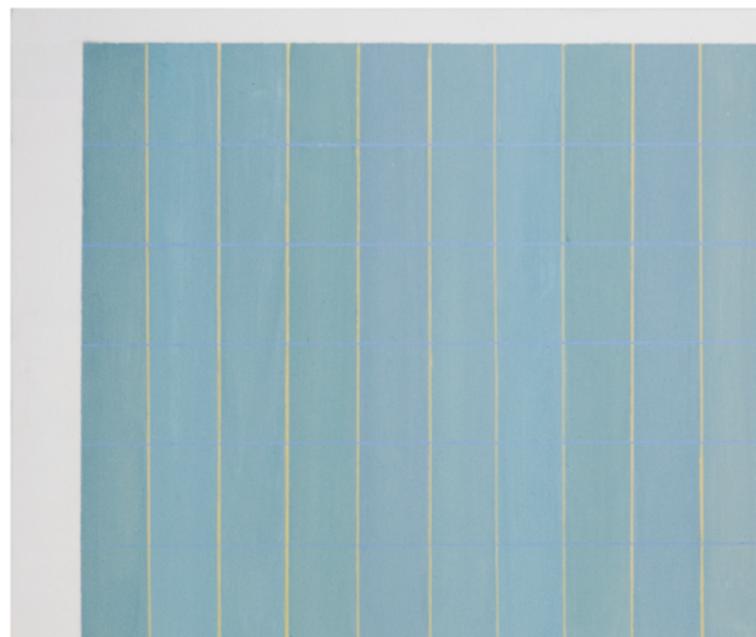
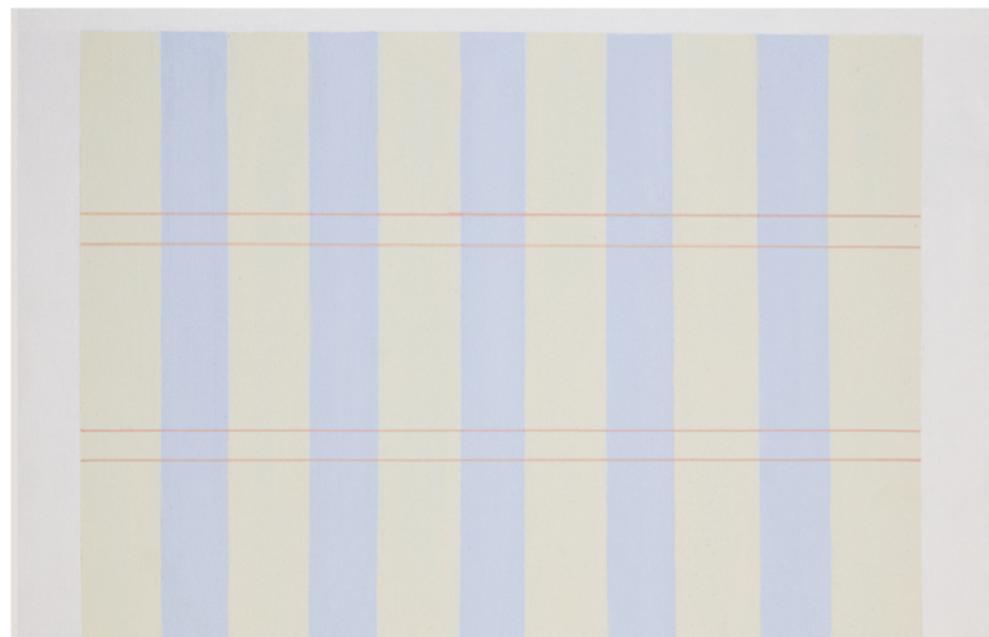
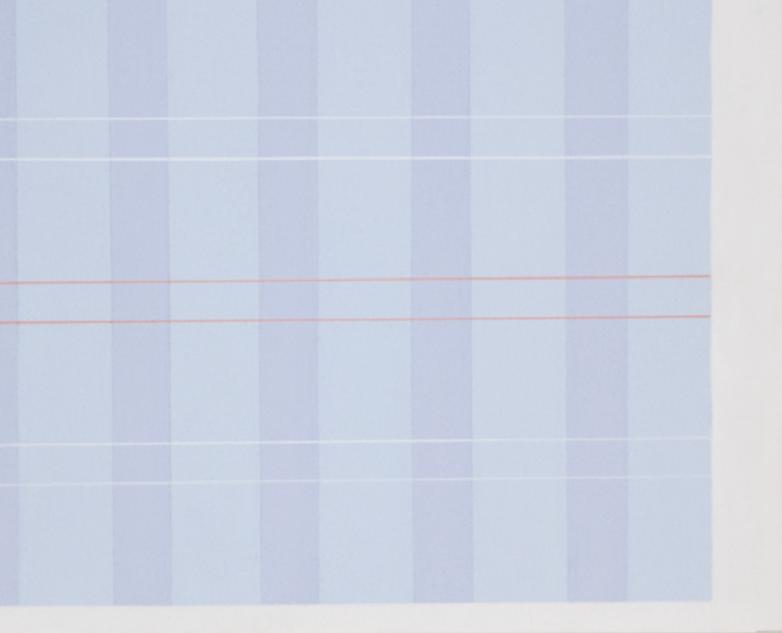
**Não me peça pra fazer
escolhas I & II (díptico)**

óleo sobre linho
60 x 50 cm (cada)
2020

6 silêncios e suas interrupções (políptico)

acrílica sobre compensado
22,1 x 32,5 cm (cada)
2020





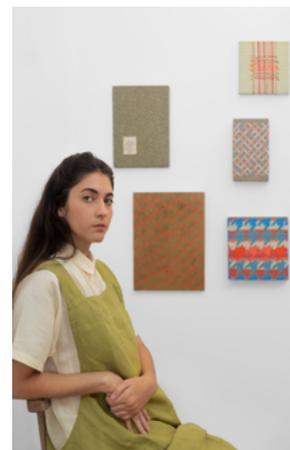
BIOGRAFIA

Bárbara Basseto (1994) é artista visual de Campinas/SP e atualmente reside em São Paulo. Seu trabalho se desenvolve principalmente em pintura. Sua produção poética passa pela investigação de padronagens presentes em objetos cotidianos, na moda e na arquitetura e pela apropriação de objetos.



Basseto constrói relações entre objetos banais e a história da arte por meio de uma pesquisa de materialidade na pintura.

Mestranda em Poéticas Visuais na ECA-USP, é bacharel em Artes Visuais pela Unicamp (2012–2018), tendo cursado um semestre da graduação em intercâmbio acadêmico na Universidade de Évora, em Portugal (2016–2017).



Tem formação em conservação e restauro pelo Museu de Arte Sacra em São Paulo e pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram).

Em sua formação artística contou com acompanhamento do artista Tuneu Rodrigues na graduação, aulas com Paulo Pasta no Instituto Tomie Ohtake e acompanhamento de processo com o artista Antonio Malta Campos, em 2020.

Participou de exposições no Brasil e no exterior. Em 2023 abriu sua primeira exposição individual, *Ai de mim, que sou romântica*, com curadoria de Érica Burini, na Galeria que a representa: Luis Maluf, em São Paulo. Em 2022 participou das exposições *Quem conta um conto aumenta um ponto* e *Contínua*, também na Galeria Luis Maluf, e esteve presente na *SP Arte*, no estande da mesma galeria. Também em 2022 participou do festival *O urbano entre a realidade e a utopia* — festival de fotografia de Tiradentes e Rotterdam Photo Festival. Em 2021 foi artista convidada da mostra *Derivas Bidimensionais*, da Galería BGA na Colômbia.



Formação

- Mestrado em Poéticas Visuais na ECA-USP, em curso. São Paulo, SP, iniciado em 2021.
- Documentação e conservação preventiva de acervo museológico, oferecido pelo Ibram, 2020.
- Curso Pintura: Prática e Reflexão, oferecido pelo artista Paulo Pasta no Instituto Tomie Ohtake. São Paulo, SP, de março a junho de 2019.
- Curso livre de Conservação e restauro de pintura em cavalete, oferecido pelo Núcleo de Artes Conservação & Restauro no Museu de Arte Sacra de São Paulo. São Paulo, SP, de março a dezembro de 2019.
- Um semestre em mobilidade internacional na Universidade de Évora, Portugal. Licenciatura em Artes Visuais, com especialização em Multimídia, de setembro de 2016 a fevereiro de 2017.
- Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, SP, de 2012 a 2018.

Exposições individuais

Ai de mim, que sou romântica, com curadoria de Érica Burini, na Galeria Luis Maluf. São Paulo, SP, 2023.

Longitude Vicinal, na Câmara dos Deputados. Brasília, DF, 2023.

Exposições coletivas

Quem conta um conto aumenta um ponto, na Galeria Luis Maluf. São Paulo, SP, 2022.

Contínua, na Galeria Luis Maluf. São Paulo, SP, 2022.

Artista convidada da mostra *Derivas Bidimensionales*, da Galería BGA. Bucaramanga, Colômbia, 2021.

17º Território da Arte de Araraquara. Araraquara, SP, 2020.

Transfigurar: Experimentações da Arte em Projeto, na Galeria do Instituto de Artes da Unicamp. Campinas, SP, 2019.

Onde estão os outros...?, no Subsolo: Laboratório de Arte. Campinas, SP, 2019.

Feiras

Presença na 18ª SP ARTE, no estande da Galeria Luis Maluf. São Paulo, SP, 2022.

Festivais

Participação no festival O urbano entre a realidade e a utopia, festival de fotografia de Tiradentes e Rotterdam Photo Festival. Tiradentes, MG, 2022.

Prêmios

Prêmio Cultura Presente, do Fundo de Investimentos Culturais de Campinas (Ficc). Campinas, SP, 2021.



Visitação de 5 de junho a 6 de julho de 2023
segunda a sexta, das 9h às 17h
Espaço do Servidor | Anexo II | Câmara dos Deputados

MESA DIRETORA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS:

PRESIDENTE

Arthur Lira (PP/AL)

1º VICE-PRESIDENTE

Marcos Pereira (REPUBLICANOS/SP)

2º VICE-PRESIDENTE

Sóstenes Cavalcante (PL/RJ)

1º SECRETÁRIO

Luciano Bivar (UNIÃO/PE)

2ª SECRETÁRIA

Maria do Rosário (PT/RS)

3º SECRETÁRIO

Júlio Cesar (PSD/PI)

4º SECRETÁRIO

Lucio Mosquini (MDB/RO)

SUPLENTES

Gilberto Nascimento (PSC/SP), Pompeo de Mattos (PDT/RS), Beto Pereira (PSDB/MS), André Ferreira (PL/PE)

**SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL | CENTRO CULTURAL
CÂMARA DOS DEPUTADOS:**

SECRETÁRIO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Jilmar Tatto (PT/SP)

SECRETÁRIO DE PARTICIPAÇÃO, INTERAÇÃO E MÍDIAS DIGITAIS

Luciano Ducci (PSB/PR)

COORDENAÇÃO DE CERIMONIAL, EVENTOS E CULTURA

Frederico Fonseca de Almeida

SUPERVISÃO DO CENTRO CULTURAL

Isabel Flecha de Lima

COORDENAÇÃO DO PROJETO

Clauder Diniz

PRODUÇÃO E REVISÃO

Maria Amélia Elói

PROJETO GRÁFICO

Luérison Alves, Mima Carfer, Jaqueline de Melo (estagiária)

FOTOGRAFIA

Gregório Zelada, Bárbara Basseto

MONTAGEM E MANUTENÇÃO DA EXPOSIÇÃO

André Ventorim, Maurilio Magno, Paulo Titula, Wendel Fontenele

MATERIAL GRÁFICO COORDENAÇÃO DE SERVIÇOS GRÁFICOS

CGRAF/DEAPA

Contato da artista

Bárbara Basseto
instagram.com/babybasseto
barbara.moraesbasseto@gmail.com

Contato do curador

Vinicius Maroli
(61) 99995-1998
instagram.com/acervomirim
info@mirim.xyz

Informações:

0800 0 619 619 | cultural@camara.leg.br
Palácio do Congresso Nacional | Câmara dos Deputados | Anexo I | Sala 1601
CEP 70160-900 – Brasília/DF

<http://www.camara.leg.br/centrocultural>

Brasília, junho de 2023





Centro Cultural
Secretaria de Comunicação Social
Secretaria de Participação, Interação e Mídias Digitais